

A L M A D I N A

O MAL DO NEPOTISMO

Por: Sheikh Aminuddin Mohamad

17.02.2025

Designa-se “nepotismo”, um termo com origem no latim (nepote –sobrinho + ismo), o favoritismo praticado por certos dirigentes a favor de seus familiares e amigos no acesso a cargos oficiais ou vagas de emprego no sector privado.

Regra geral este favoritismo tem sido a causa de muitos problemas que enfermam muitas sociedades, não só na administração pública e privada, mas também em cargos religiosos, afectando de forma directa a sociedade, a economia, o ambiente político, etc.

Deve-se dar prioridade absoluta à competência das pessoas a contratar ou a indicar para alguns cargos, e não ao grau de parentesco ou amizade.

No aspecto geral o favoritismo é um cancro que afecta o povo e o País, pois promove as desigualdades e a degradação da sociedade, podendo até mesmo resvalar para a destruição de uma sociedade.

Em qualquer instituição, por exemplo financeira, se se der preferência nos cargos ligados às finanças, aos amigos em detrimento de pessoas competentes e experientes, concorre-se para a falência dessa instituição.

Este mal corrosivo assemelha-se a um tumor silencioso, que devora a integridade das instituições sociais, económicas, ou de outra natureza.

Tal como o cancro, ele começa pequeno e imperceptível, parecendo inofensivo, pois ao se favorecer um membro da nossa família ou grupo étnico no acesso a uma vaga ou promoção, enfraquecemos programas ou sistemas que muito bem poderiam funcionar quando baseados no mérito, na justeza e na competência.

Na essência nepotismo é a prática de promoção e/ou atribuição de vagas para trabalho a familiares ou a amigos próximos, sem que estes tenham competência para as vagas a ocupar.

É perfeitamente natural que queiramos ajudar àqueles que conhecemos e por quem nutrimos alguma confiança, pois não há mal nenhum nisso, contanto que escolhamos pessoas competentes para o cargo a ocupar. O problema surge quando o favoritismo sem regras toma o lugar do mérito.

Ao invés de os mais competentes e merecedores se elevarem à posições de poder e responsabilidade, os que têm ligações pessoais tomam a dianteira, o que não só prejudica a credibilidade das instituições, mas também desmoraliza os que se esforçam pela excelência sem necessidade de recorrer à ligações nepotistas.

Nos postos de trabalho o favoritismo pode causar a ineficiência e a estagnação quando os lugares são ocupados na base da familiaridade e amiguismo e não na habilidade e competência, concorrendo assim para a queda da produtividade.

Os cidadãos que se esforçam com afincos por aceder a determinadas vagas ficam desmotivados quando veem pessoas com menos qualificações sendo promovidas apenas

por terem ligações consanguíneas ou de amizade com as chefias das instituições. Isso conduz a um ambiente de trabalho em que reina o descontentamento, a desmotivação e a moral baixa, levando os preteridos competentes e talentosos a abandonarem as instituições a que estão ligados, para procurar outras oportunidades noutras instituições onde possam singrar profissionalmente.

O nepotismo também concorre para o surgimento de problemas organizacionais. Os líderes que se fazem rodear de familiares e amigos podem não ser receptivos às críticas construtivas e honestas, preferindo ficar alheios à realidade, e tomando decisões incorrectas, susceptíveis de provocar perdas financeiras e fracassos operacionais, ou até mesmo escândalos de corrupção.

Ao nível social, o nepotismo aprofunda as desigualdades. Quando no sector público de emprego, ou nalguns casos no sector privado as posições de liderança são entregues na base do favoritismo ao invés da qualificação e competência, então aí indivíduos geralmente acabam sendo excluídos das oportunidades para o avanço e progresso profissionais.

Politicamente, o nepotismo mina a democracia, pois quando as pessoas compreendem que as oportunidades não são distribuídas de forma justa, tal provoca o embaraço, a frustração e até mesmo a agitação social.

A transparência e o sistema baseados no mérito são essenciais para manter a confiança nas instituições e garantir a todos igual acesso às oportunidades. Aliás, esse é o segredo dos chamados Países Desenvolvidos, pois se hoje eles progredem é porque apostam na competência.

Para combater o nepotismo as sociedades devem dar prioridade à transparência e prestação de contas.

Políticas enérgicas contra o nepotismo, um processo independente na escolha, selecção e escrutínio público podem ajudar na erradicação desta prática altamente perniciosa.

A valorização dos talentos acima das ligações familiares também é essencial na erradicação deste problema profundamente enraizado na maior parte dos chamados países do III Mundo, sobretudo em África onde quase tudo se baseia no sistema do nepotismo, o que concorre para o seu atraso em todas as vertentes.

Assim como para o combate ao cancro é necessário que ele seja detectado logo nos primeiros sintomas, o nepotismo também tem de ser combatido logo que se detectem os primeiros casos, para evitar que se disseminem e atinjam níveis incontroláveis. Uma sociedade mais justa depende disso.

O Islão valoriza e incentiva a competência das pessoas, independentemente da sua filiação partidária, grupo étnico, confissão religiosa, etc. Encontramos um bom exemplo disso quando foi da escolha do guia (que nem sequer era muçulmano) para orientar pela melhor rota a caravana do Profeta Muhammad (S.A.W.) quando da sua migração da cidade de Makka, para a cidade de Madina.